

1

Ayana



— Muitos parabéns. Metade das pessoas que estão aqui quer matar-te, a outra metade quer ser como tu. — Os lábios do meu noivo roçaram o meu rosto. — É um feito e tanto.

— Não sei se é algo de que devo orgulhar-me — comentei pelo canto da boca, com um sorriso colado nos lábios. Afinal, as pessoas estavam a olhar para nós. — Sobreretudo da segunda parte.

— Quando a lista de convidados tem toda a gente que importa no mundo da moda, claro que deves — insisti. — Despertar a inveja desta multidão em particular requer talento. Delicia-te com a situação, MODA.

Abafei uma gargalhada.

— Palavra de honra, tu estás mais orgulhoso do título do que eu.

MODA era a abreviatura para Modelo do Ano. Já se tinham passado oito meses desde que fora galardoada com o título tão prestigioso, mas o Jordan continuava a falar dele em todas as oportunidades.

— O que queres? Só prova que tenho bom gosto. — Piscou-me o olho. — Lembro-me bem de quando o Hank disse a toda a gente que encontrara «o rosto do século» numa festa de uma faculdade qualquer em DC. E agora, aqui estás.

Antes de conseguir refrear-me, o meu sorriso vacilou ao ouvir o nome do meu agente.

— Quanto ao rosto do século, não sei, mas isto é definitivamente melhor do que uma casa de estudantes todos transpirados.

Bebi um gole de champanhe e olhei para o jardim exterior. Naquela noite, fazíamos de anfitriões de uma festa de fim de verão para a Jacob Ford, a icónica loja de luxo que o avô do Jordan fundara há mais de cinquenta anos.

O Jordan dera-me a primeira grande oportunidade no mundo da moda havia quatro anos, quando me escolhera para ser a embaixadora da loja. O alcance e o sucesso daquela primeira campanha abriram-me mais portas do que dois anos de *castings* e pequenos trabalhos que ia conseguindo. Devia-lhe a carreira — ao Jordan e à Jacob Ford.

Para a festa daquela noite, ele arrendara um terraço ajardinado magnífico. As bebidas fluíam, o sol brilhava e metade dos convidados fitava-nos discreta ou descaradamente, murmurando por trás das respetivas mãos. O Jordan tinha razão. Alguns deviam estar cheios de vontade de me torcer o pescoço, sobretudo as mulheres.

A indústria da moda era implacável, e a minha ascensão à fama nos últimos anos, junto com o noivado com um dos solteiros mais cobiçados de Nova Iorque, fazia com que muitos dos colegas de trabalho não me adorassem.

Tinha poucos amigos e menos ainda que fossem *genuínos*.

Era assim, e tudo bem, mas por vezes lamentava a vida que viveria se não fosse uma personagem tão visível.

— Oh-oh. — O Jordan endireitou as costas. — Aproxima-se um míssil. Prepara-te, ou ela esventra-te aqui mesmo.

O meu breve acesso de melancolia rebentou como as bolhinhas do champanhe. Abafei outra gargalhada enquanto seguia o conselho do Jordan e me preparava para o impacto.

A indomável Orla Ford não dava vontade de rir a ninguém. Apesar de o Jordan ser o CEO da Jacob Ford, a avó era a acionista maioritária e a matriarca da família. Comandava o clã a partir da sua propriedade em Rhode Island, e a capacidade que tinha para vergar meia Manhattan à sua vontade, mesmo a trezentos quilómetros de distância, testemunhava a força da sua personalidade.

— Vocês são os anfitriões desta festa, certo? — perguntou à medida que se aproximava. A elegante senhora de oitenta e quatro anos tinha uma figura agradável com o vestido às flores e o colar de diamantes e esmeraldas que já lhe era característico, mas ao vê-la mais perto, apercebi-me do seu ar exausto.

Não obstante, mostrava uma postura hirta e orgulhosa, de olhos semicerrados enquanto esperava pela resposta.

— Somos sim, avó — respondeu o Jordan, já sem o menor vestígio de leveza na voz.

— Então expliquem-me por que razão se encontram aqui aos risinhos, como crianças no recreio da escola, em vez de estarem a cumprir as obrigações de anfitriões? — A Orla fez um estalido com a língua. — O Dante e a Vivian Russo estão aqui, a Stella Alonso está aqui. Vão fazer o vosso trabalho e conversar com as pessoas. Já estão noivos, mais tarde têm muito tempo para as atividades de casal.

A minha cara ficou vermelha como um tomate perante o tom conhecedor que usou para descrever as «atividades de casal». O Jordan pousou o copo num aparador próximo e arrancou. Fiz tenção de o seguir, mas a avó segurou-me no braço.

— Tu não, querida. Ainda não. — Olhou para mim com uma expressão avaliadora. — Estás adorável.

— Obrigada — agradei, satisfeita. Os elogios da Orla eram raros, e eu valorizava muito a sua aprovação.

Trazia um vestido curto e leve amarelo-açafrão da coleção da loja. O cabelo alisado caía-me pelos ombros em suaves ondas e os tacões que desafiavam a gravidade faziam-me cinco centímetros mais alta do que o Jordan, que já ultrapassava o metro e oitenta. Foram caros como um raio, mas eram tão bonitos que não resistira.

Toda a gente tinha as suas pequenas extravagâncias; as minhas eram sapatos e perfumes. E tricô, mas os meus projetos saíam sempre tão mal que não admitia a ninguém que tinha *aquele* passatempo.

— Queria falar contigo pessoalmente porque não nos vemos com frequência — disse a Orla. — Tu e o Jordan já estão noivos há algum

tempo, dezasseis meses, se não me falha a memória, mas... — Hesitou. A sua respiração parecia esforçada.

Quase lhe estendi a mão, para me assegurar de que estava bem, mas pouco depois abanou a cabeça, como se não se tivesse passado nada.

— Ainda não tive oportunidade de te dar as boas-vindas à família como deve ser. — Segurou-me nas mãos. — Durante muito tempo, pensei que o Jordan nunca ia encontrar a pessoa certa. É o meu único neto e... bem, preocupo-me com ele. As namoradas nunca iam além de algumas semanas. Temia que, quando levasse finalmente alguém a minha casa, fosse uma vadia qualquer. E sinto-me muito satisfeita por te ter encontrado. — A Orla deu uma palmadinha na minha mão. — Fazem um casal lindo e sei que vais cuidar muito bem dele. — As suas palavras pareciam-me sinceras, mas algo tristes.

Desvalorizei propositadamente a escolha da palavra «vadia» — afinal, a senhora já passava dos oitenta — e disfarcei a confusão com mais um sorriso.

A Orla não era uma pessoa sentimental, e já me dera as boas-vindas à família na festa de noivado, havia mais de um ano. Talvez se tivesse esquecido.

— Fico bastante agradecida, Orla. Desde que anunciámos o noivado que tem sido bondosa para comigo. E, bem, estou muito entusiasmada por me juntar à família.

Se se apercebeu da minha ligeira hesitação, não o demonstrou.

— Claro que sim, minha querida. Tinha de te dizer. Não podia contar com a minha filha para transmitir a mensagem. A única coisa que ela sabe fazer é gastar dinheiro e colecionar amantes cada vez mais hediondos. — Olhou de relance para o lado. — Ah, está ali a Buffy Darlington. Se não te importas, vou cumprimentá-la.

Deu-me uma última palmadinha na mão antes de se afastar.

Fiquei a pestanejar para o espaço que deixou vago. O que raio acabara de acontecer?

— Estás com um ar chocado. O que te disse ela? Ralhou contigo por usares sapatos que te fazem ficar mais alta do que eu? — Agora

que a avó já não estava por perto, o Jordan reapareceu como se fosse um fantasma que se materializou a partir do nada. Ele adorava-a, mas também tinha um medo dela que se pelava. — Sabes como é esquisita com as aparências. Não fica bem quando uma mulher é mais alta do que um homem e blá, blá, blá.

— Então, tenho quase um metro e oitenta sem saltos, por isso vai ser difícil ser mais baixa do que tu. — Fiz-lhe um resumo da conversa. — E, olha, não quero assustar-te, mas estará ela bem? Parece-me um pouco pálida e as mãos tremem-lhe ligeiramente.

O Jordan franziu o sobrolho.

— De certeza que sim. Ela contraiu gripe a semana passada e deve estar ainda a recuperar. No entanto, insistiu em voar até aqui para a festa. Não perde uma oportunidade de se gabar da empresa e do nosso noivado. — Engoliu o copo de uísque que fora buscar. — Por falar nisso, não te esqueças de que na próxima sexta-feira temos o jantar com o Vuk para falarmos de alguns pormenores do casamento. Reservei mesa naquele restaurante francês novo em West Village.

O champanhe até me azedou o estômago.

Vuk Markovic era o antigo companheiro de quarto do Jordan, dos tempos da faculdade, e seria o seu padrinho de casamento. Não o conhecia bem, mas as nossas interações não tinham sido as mais calorosas. Na verdade, quase de certeza que me desprezava.

Só não fazia ideia do porquê. Fui sempre muito cordial e amistosa com ele e nunca liguei aos rumores que diziam que o poderoso CEO podia estar envolvido em negócios mais sombrios do que a gestão da maior empresa de bebidas alcoólicas e espirituosas do mundo.

O Jordan era um dos melhores homens que eu conhecia. Déramo-nos bem quando trabalhava na campanha para a Jacob Ford, e tornáramo-nos amigos. Ele não ia convidar para padrinho alguém que não fosse boa pessoa, certo?

— Sexta-feira, na Village. Entendido — confirmei. — Surpreende-me ele não estar aqui hoje.

— Ah, sim?! — O Jordan parecia cético. — O Vuk odeia festas. Tenho a certeza de que, para ele, o inferno é uma gala formal com música ao vivo.

Soltei uma gargalhada.

— Não sei. Ele este ano já foi a mais festas do que é normal. Até a *Mode de Vie* mencionou o facto no artigo que fizeram sobre ele no mês passado.

— É verdade, mas eu se fosse a ti não contava que a tendência se mantivesse. O Vuk só faz o que é preciso em nome dos negócios. Uma festa num terraço não se enquadra na categoria. Merda. — O Jordan praguejou. — A minha avó está outra vez a fuzilar-me com o olhar. Vou ter de encontrar mais alguém «importante» para entreter antes que ela me atire o picador do gelo. Acho que não podemos ser vistos juntos até ao fim da festa, ou vai acusar-me de ser um mau anfitrião.

— Pois, e a mim também. — Demos um aperto de mão solene e contorcemos os lábios para não nos desatarmos a rir. — Boa sorte, soldado — desejei. — Vemo-nos no outro lado da barricada.

O Jordan respondeu com uma continência lacónica. Desapareceu por entre a multidão e ingeri o último gole da minha bebida antes de me encaminhar para a Stella Alonso e o marido.

A caminho, passei pela Orla, e as suas palavras ecoaram na minha cabeça.

Fazem um casal lindo e sei que vais cuidar muito bem dele.

Fiquei agradecida pelo sentimento com que as disse. Muita gente pensava que a Orla era assustadora — e também podia ser —, mas em privado era mais calorosa do que aparentava.

Retribuí o sorriso e ignorei a pontada de culpa que me contorceu o estômago.

Conseguir a aprovação da Orla era um feito e tanto, mas suspeitava que ela seria bem menos benevolente se alguma vez descobrisse a verdade: que o meu noivado com o neto era uma fraude completa e absoluta.